

A MEUS MESTRES

que tomaram o que foi dado  
que deram o que não podia ser tomado

# SUMÁRIO

1	PREFÁCIO
	HISTÓRIAS
3	OS TRÊS PEIXES
5	O ALIMENTO DO PARAÍSO
12	QUANDO AS ÁGUAS FORAM MUDADAS
14	O CONTO DAS AREIAS
17	OS CEGOS E A QUESTÃO DO ELEFANTE
19	O CACHORRO, O CAJADO E O SUFI
21	COMO CAPTURAR MACACOS
23	O VELHO BAÚ DE NURI BEY
25	AS TRÊS VERDADES
27	O SULTÃO QUE SE TORNOU UM EXILADO
32	A HISTÓRIA DO FOGO
37	O OGRO E O SUFI
40	O MERCADOR E O DERVIXE CRISTÃO
42	A FORTUNA DE OURO
45	O CANDELABRO DE FERRO
49	GOLPEIE ESTE PONTO
51	POR QUE OS PÁSSAROS DE ARGILA VOARAM
53	O MOSQUITO NAMUSS... E O ELEFANTE
56	O IDIOTA, O SÁBIO E A JARRA
58	A PRINCESA REBELDE
62	O LEGADO
64	O JURAMENTO
66	O IDIOTA NA CIDADE GRANDE
67	A ORIGEM DE UMA TRADIÇÃO
69	A FIANDEIRA FATIMA E A TENDA

73	OS PORTÕES DO PARAÍSO
75	O HOMEM QUE ESTAVA CONSCIENTE DA MORTE
77	O HOMEM QUE SE ENFURECIA COM FACILIDADE
79	O CACHORRO E O BURRO
80	CARREGANDO OS SAPATOS
83	O HOMEM QUE CAMINHAVA SOBRE AS ÁGUAS
86	A FORMIGA E A LIBÉLULA
88	A HISTÓRIA DO CHÁ
91	O REI QUE RESOLVEU SER GENEROSO
97	A CURA COM SANGUE HUMANO
101	A REPRESA
105	OS TRÊS DERVIXES
111	OS QUATRO TESOUROS MÁGICOS
114	OS SONHOS E O PEDAÇO DE PÃO
116	PÃES E JOIAS
118	AS LIMITAÇÕES DO DOGMA
120	O PESCADOR E O GÊNIO
125	O TEMPO, O LUGAR E AS PESSOAS
129	A PARÁBOLA DOS TRÊS DOMÍNIOS
131	VALIOSO... E INSIGNIFICANTE
134	O PÁSSARO E O OVO
136	TRÊS CONSELHOS
138	A TRILHA DA MONTANHA
140	A SERPENTE E O PAVÃO
143	A ÁGUA DO PARAÍSO
145	O CAVALEIRO E A SERPENTE
147	ISA E OS DUVIDADORES
149	NA RUA DOS PERFUMISTAS
150	A PARÁBOLA DOS FILHOS GANANCIOSOS
152	DA NATUREZA DO DISCIPULADO
154	A INICIAÇÃO DE MALIK DINAR

159	O IDIOTA E O CAMELO PASTANDO
160	OS TRÊS ANÉIS ADORNADOS
162	O HOMEM COM UMA VIDA INEXPLICÁVEL
166	O HOMEM CUJO TEMPO ESTAVA ERRADO
171	MARUF, O SAPATEIRO
179	SABEDORIA À VENDA
188	O REI E O MENINO POBRE
190	OS TRÊS MESTRES E OS ARREEIROS
192	BAYAZID E O HOMEM EGOÍSTA
194	AS PESSOAS QUE ALCANÇAM
196	VIAJANTE, ESTRANHEZA E POUPA-TEMPO
200	TIMUR AGHA E A LINGUAGEM DOS ANIMAIS
203	O PÁSSARO INDIANO
205	QUANDO A MORTE CHEGOU A BAGDÁ
207	O GRAMÁTICO E O DERVIXE
208	O DERVIXE E A PRINCESA
210	O AUMENTO DA NECESSIDADE
213	O HOMEM QUE OLHAVA APENAS PARA O ÓBVIO
217	COMO O CONHECIMENTO FOI OBTIDO
222	A LOJA DE LÂMPADAS
225	A CARRUAGEM
227	O COXO E O CEGO
229	OS CRIADOS E A CASA
231	O HOMEM GENEROSO
233	O ANFITRIÃO E OS CONVIDADOS
236	O FILHO DO REI

## APÊNDICE

239	AUTORES E MESTRES, EM ORDEM CRONOLÓGICA
-----	-----------------------------------------

## PREFÁCIO

Este livro contém histórias de ensinamento de mestres e escolas sufis, registradas ao longo dos últimos mil anos.

O material foi compilado de textos clássicos persas, árabes, turcos e outros; de coletâneas tradicionais de histórias de ensinamento; e de fontes orais, que incluem centros contemporâneos de ensinamento sufi. Apresenta, portanto, um “material de trabalho” atualmente em uso, bem como citações significativas de uma literatura que inspirou alguns dos maiores sufis do passado.

O material de ensino utilizado pelos sufis sempre foi avaliado unicamente segundo o critério de aceitação dos próprios sufis. Por esse motivo, nenhuma avaliação histórica, literária ou outra convencional pode ser aplicada para se decidir o que deve ser incluído ou deixado de fora.

De acordo com a cultura local, o público e os requisitos do Ensino, os sufis fizeram uso, tradicionalmente, de seleções apropriadas, decorrentes da sua incomparável riqueza de sabedoria transmitida.

Em círculos sufis, é comum que os estudantes mergulhem em histórias programadas para seu estudo, de forma que as dimensões internas dessas histórias possam ser desveladas pelo mestre à medida que o candidato for considerado pronto para as experiências proporcionadas por elas.

Ao mesmo tempo, muitos contos sufis foram incorporados ao folclore ou a ensinamentos éticos, ou se infiltraram em biografias. Muitos deles proporcionam alimento em vários níveis, e seu valor como obra de puro entretenimento não pode ser negado.

## OS TRÊS PEIXES

Era uma vez três peixes que viviam numa lagoa. Um era inteligente; o outro, meio inteligente; e o terceiro, um tolo. A vida para eles transcorria do mesmo modo que a de outros peixes em tantos outros lugares, até que um dia apareceu... um homem.

Ele carregava uma rede de pescar, e o peixe inteligente o viu através da água. Apelando para sua experiência, as histórias que escutara e sua inteligência, o peixe decidiu agir imediatamente.

“Há poucos lugares para se esconder nesta lagoa”, pensou, “portanto, eu me fingirei de morto.”

Reuniu suas forças e saltou para fora da lagoa, caindo aos pés do pescador, que ficou muito surpreso. Mas, como o peixe inteligente estava prendendo a respiração, o pescador supôs que estivesse morto e o lançou de volta à água. Então, o peixe se esgueirou até uma pequena cavidade sob a margem.

O segundo peixe, o que era meio inteligente, não entendeu muito bem o que havia acontecido. Assim, nadou até onde estava o peixe inteligente e pediu que lhe explicasse tudo. “Simples”, disse o peixe inteligente, “eu me fingi de morto, e aí ele me jogou de volta na água.”

Então, o peixe meio inteligente imediatamente saltou para fora da água, caindo aos pés do pescador. “Estranho...”, pensou ele, “os peixes estão saltando por toda parte.” Entretanto, como o segundo peixe se esqueceu de prender a respiração, o pescador percebeu que estava vivo e o colocou dentro da bolsa.

O homem se virou para observar a lagoa e, por estar um tanto confuso com os peixes saltando à sua frente em terra firme, esqueceu-se de fechar a bolsa. Ao se dar conta disso, o peixe meio

inteligente conseguiu escapar e, debatendo-se, retornou para a água. Procurou o peixe inteligente e ali ficou ofegante a seu lado.

O terceiro peixe, o tolo, não foi capaz de entender coisa alguma da situação, nem mesmo depois de ouvir as versões dos outros dois peixes. Então, repassaram com ele cada detalhe, enfatizando a importância de não respirar para se fingir de morto.

“Muito obrigado, *agora* compreendo”, disse o peixe tolo. Com essas palavras, atirou-se para fora da água, caindo bem ao lado do pescador.

Como o pescador já havia perdido dois peixes, colocou este na bolsa sem se preocupar em verificar se estava respirando ou não. Continuou lançando sua rede na lagoa, mas o primeiro e o segundo peixes estavam bem encolhidos na cavidade abaixo da margem. E, desta vez, a bolsa do pescador estava completamente fechada.

Finalmente o pescador desistiu. Abriu a bolsa, constatou que o peixe tolo não estava respirando, e o levou para casa para seu gato.

---

Relatos contam que Hussein, neto de Muhammad, transmitiu esta história de ensinamento aos Khwadjagan (“Mestres”), que no século XIV mudaram seu nome para Ordem Naqshbandi.

Em algumas versões desta história, a ação acontece num “mundo” conhecido como Karatas, o País da Pedra Negra.

Esta versão é de Abdal (“O Transformado”) Afifi. Ele a ouviu do Shaykh Muhammad Asghar, falecido em 1813. Seu santuário fica em Délhi.

## O ALIMENTO DO PARAÍSO

Um dia, Yunus, filho de Adam, decidiu não apenas entregar sua vida ao sabor do destino, mas, também, buscar os meios e a razão da provisão de bens aos homens.

“Sou um homem”, disse a si mesmo. “Como tal, recebo uma parcela dos bens do mundo todos os dias. Obtenho essa parcela por meus próprios esforços, aliados aos esforços de outros. Ao simplificar esse processo, encontrarei os meios pelos quais o sustento chega à humanidade, e apreenderei algo sobre como e por que isso acontece. Adotarei, portanto, a via religiosa, que exorta o homem a confiar seu sustento a Deus Todo-Poderoso. Ao invés de viver no mundo da confusão, onde o alimento e outros bens chegam aparentemente por meio da sociedade, vou me entregar ao sustento que vem diretamente do Poder que rege todas as coisas. Um mendigo depende de intermediários: homens e mulheres caridosos que estão sujeitos a impulsos secundários. Eles lhe dão comida ou dinheiro porque foram treinados para fazê-lo. Não aceitarei tais contribuições indiretas.”

Dito isso, rumou para o campo, entregando-se ao sustento proveniente de forças invisíveis com a mesma resolução com que até então aceitara o sustento vindo de forças visíveis, quando fora professor numa escola.

Ele adormeceu, certo de que Allah cuidaria plenamente dos seus interesses, do mesmo modo que os pássaros e as bestas eram providos no seu próprio domínio.

Ao amanhecer, o canto dos pássaros o despertou, e o filho de Adam, a princípio, permaneceu quieto à espera de que sua provisão aparecesse. Apesar da confiança na força invisível e da



certeza de que seria capaz de compreendê-la quando começasse a operar na esfera a que ele se entregara, logo se deu conta de que o pensamento especulativo por si só não ajudaria muito nessa esfera incomum.

Deitado à margem do rio, passou o dia todo contemplando a natureza, observando os peixes na água e fazendo suas orações. De vez em quando passavam por ali homens ricos e poderosos, acompanhados por tropas paramentadas, montados em belos cavalos, com sinetas tilintando imperiosamente para assegurar o direito de passagem. Limitavam-se a proferir uma saudação ao avistarem seu venerável turbante. Grupos de peregrinos faziam uma pausa ali e mastigavam pão dormido e queijo ressecado, o que servia apenas para atizar o apetite de Yunus por uma refeição, a mais modesta que fosse.

“Isto é apenas um teste, logo tudo estará bem”, pensou ele ao recitar sua quinta oração do dia e se entregar à contemplação, como lhe fora ensinado por um dervixe de grande capacidade perceptiva.

Outra noite se passou.

Yunus olhava fixamente os reflexos dos raios do sol no poderoso Tigre, cinco horas após o amanhecer do segundo dia, quando algo boiando entre os juncos atraiu seu olhar. Era um pacote envolto em folhas e amarrado com fibra de palmeira. Yunus, o filho de Adam, entrou no rio e recolheu a estranha carga.

O pacote pesava cerca de quatrocentos gramas. Ao desamarrear a fibra, um delicioso aroma impregnou suas narinas. Uma quantidade da *halwa* de Bagdá pertencia a ele. A *halwa*, composta de pasta de amêndoas, água de rosas, mel, nozes e outros preciosos ingredientes, era apreciada por seu sabor e também valorizada como alimento saudável. Belas mulheres em haréns a degustavam com frequência, e guerreiros a levavam nas suas

campanhas por seu poder nutritivo. Era utilizada no tratamento de uma centena de males.

“Minha crença está correta!”, exclamou Yunus. “E agora, vamos ao teste: se uma porção similar de *halwa*, ou algo equivalente, chegar até mim pelas águas diariamente, ou a outros intervalos, conhecerei os meios designados pela providência para meu sustento, e terei somente que utilizar minha inteligência para buscar sua origem.”

Nos três dias que se seguiram, exatamente à mesma hora, um pacote de *halwa* flutuou até as mãos de Yunus.

Essa era uma descoberta de grande magnitude, concluiu ele: simplificando suas condições, a Natureza continua a operar basicamente da mesma forma. Aí estava uma descoberta que ele se sentiu quase obrigado a compartilhar com o resto do mundo. Pois já não foi dito: “Quando você conhece, deve ensinar”? Mas logo ele se deu conta de que não conhecera, apenas experimentara. O próximo passo seria, obviamente, seguir o curso da *halwa* rio acima até chegar à fonte. Assim, ele entenderia não apenas a origem da *halwa*, mas também de que maneira ela era reservada explicitamente para ele.

Durante vários dias Yunus seguiu o curso do rio. Todo dia, com a mesma regularidade, porém cada vez mais cedo, a *halwa* aparecia, e ele a comia.

Por fim, Yunus viu que o rio, em vez de ficar mais estreito na parte superior, como seria de se esperar, alargava-se consideravelmente. No meio de uma grande extensão de água se avistava uma ilha fértil. Nessa ilha, erguia-se um belo e magnífico castelo. Era dali, determinou Yunus, que se originava o alimento do paraíso.

Enquanto considerava seu próximo passo, Yunus viu que um dervixe alto e de aparência descuidada, com os cabelos ema-

ranhados de um eremita e um manto de retalhos multicoloridos estava diante dele.

“Paz, *baba*, pai!”, exclamou Yunus.

“*Ishq, Hu!*”, gritou o eremita. “O que o traz aqui?”

“Estou empreendendo uma busca sagrada”, explicou o filho de Adam, “e tenho, nesta busca, que chegar até aquele castelo. O senhor, por acaso, teria alguma ideia de como fazê-lo?”

“Como você parece não saber nada sobre o castelo, apesar de ter um interesse especial nele”, respondeu o eremita, “vou lhe dar algumas informações. Em primeiro lugar, a filha de um rei vive ali, prisioneira e em exílio; assistida por numerosas e belas criadas, é verdade, mas, ainda assim, confinada. Ela não pode escapar, pois o homem que a capturou e a colocou ali por ela não querer se casar com ele ergueu barreiras gigantes e indescritíveis, invisíveis ao olho comum. Você terá que superá-las para entrar no castelo e alcançar seu objetivo.”

“Como pode me ajudar?”

“Estou prestes a iniciar uma viagem especial de devoção. Contudo, aqui está uma palavra e um exercício, o *Wazifa*, que o ajudará, se for merecedor, a invocar os poderes invisíveis dos benévolos *djinns*, as criaturas de fogo, as únicas capazes de combater as forças mágicas que mantêm o castelo impenetrável. Que a paz esteja com você.” E se afastou, depois de repetir estranhos sons e de se mover com uma destreza e uma agilidade admiráveis num homem de tão venerável aparência.

Yunus se sentou por vários dias praticando seu *Wazifa* e esperando a *halwa* aparecer. Então, num fim de tarde, quando olhava o brilho do sol poente sobre uma das torres do castelo, teve uma estranha visão. Ali estava uma donzela, resplandecente em sua beleza celestial, que só podia ser a princesa. Ela ficou por um instante contemplando o sol, e depois jogou sobre as ondas

que quebravam nas rochas do castelo muito abaixo dela... um pacote de *halwa*. Ali, finalmente, estava a fonte imediata da sua farta provisão.

“A fonte do Alimento do Paraíso!”, exclamou Yunus. Agora ele estava bem próximo da verdade. Cedo ou tarde o Comandante dos *djinns*, a quem estava chamando por meio do *Wazifa* do dervixe, chegaria e o capacitaria a alcançar o castelo, a princesa e a verdade.

Assim que esse pensamento passou pela sua mente, viu-se transportado pelos céus até o que lhe pareceu um reino etéreo, cheio de casas de tirar o fôlego de tão belas. Entrou numa delas e encontrou uma criatura semelhante a um homem, mas que não era um homem: jovem na aparência, ainda que sábio e, de certo modo, de idade indefinida. “Eu”, disse a aparição, “sou o Comandante dos *djinns*, e transportei você até aqui em resposta às suas súplicas e ao uso daqueles Grandes Nomes que lhe foram fornecidos pelo Grande Dervixe. O que posso fazer por você?”

“Ó, poderoso Comandante de todos os *djinns*”, disse o hesitante Yunus, “sou um Buscador da Verdade e só encontrarei a resposta ao que procuro no castelo encantado próximo de onde eu estava quando me trouxe até aqui. Suplico que me conceda o poder de entrar naquele castelo e falar com a princesa aprisionada.”

“Assim será!”, exclamou o Comandante. “Mas, primeiramente, fique avisado de que um homem recebe uma resposta às suas perguntas de acordo com sua capacidade de compreensão e com seu próprio preparo.”

“A verdade é a verdade”, disse Yunus, “e eu a aceitarei, não importa qual seja. Conceda-me esse benefício.”

Logo retornava rapidamente numa forma não corpórea (pela magia do *djinn*), escoltado por um pequeno grupo de *djinns* servos, incumbidos por seu Comandante de usar suas ha-

bilidades especiais para ajudar aquele ser humano na sua busca. Nas mãos, Yunus carregava uma pedra especial, espelhada. O chefe dos *djinns* o havia instruído a apontá-la na direção do castelo, para que pudesse ver as defesas ocultas.

Por meio dessa pedra o filho de Adam logo descobriu que o castelo era protegido de invasões por uma fileira de gigantes invisíveis, mas terríveis, que atacavam qualquer um que se aproximasse. Aqueles entre os *djinns* que eram capazes de realizar essa tarefa eliminaram os gigantes. A seguir, ele descobriu que havia algo como uma teia ou rede invisível que envolvia todo o castelo. Ela também foi destruída pelos *djinns* que tinham a astúcia necessária para rompê-la. Finalmente havia uma massa invisível, parecia de pedra, que preenchia de maneira imperceptível todo o espaço entre o castelo e a margem do rio. Ela foi derrubada pelas habilidades dos *djinns*, que, após as devidas saudações de despedida, voaram velozes como a luz de volta para sua morada.

Yunus olhou e viu que uma ponte, por sua própria força, emergira do leito do rio, e ele pode caminhar sem se molhar até o castelo. Um soldado que estava no portão o levou imediatamente até a princesa, que era ainda mais bela do que parecera a princípio.

“Somos gratos a você por seus serviços ao destruir as defesas que asseguravam esta prisão”, disse a princesa. “Agora poderei voltar para meu pai. Quero apenas recompensá-lo por seus sofrimentos. Fale, peça o que quiser e lhe será dado.”

“Pérola incomparável”, disse Yunus, “só há uma coisa que busco, e essa coisa é a verdade. Como é dever de todos que possuem a verdade ofertá-la aos que podem se beneficiar dela, eu lhe suplico, Alteza, que me conceda a verdade que é minha necessidade.”

“Fale, e tal verdade, até onde é possível concedê-la, será sua sem restrições.”

“Muito bem, Alteza. Como, e por determinação de quem, o Alimento do Paraíso, a magnífica *halwa* que atira diariamente para mim, é assim depositado?”

“Yunus, filho de Adam”, exclamou a princesa, “a *halwa*, como você a chama, que eu joga na água todos os dias é, na realidade, o resíduo dos materiais cosméticos com os quais esfreguei meu corpo após meu banho diário com leite de jumenta.”

“Por fim aprendi”, disse Yunus, “que o entendimento de um homem está condicionado à sua capacidade de entender. Para Vossa Alteza, os restos do seu ritual de higiene diário. Para mim, o Alimento do Paraíso.”

Somente alguns poucos contos sufis, segundo Halqavi (autor de “O Alimento do Paraíso”) podem ser lidos por qualquer pessoa em qualquer tempo e ainda assim afetar a “Consciência Profunda” de maneira construtiva.

“Quase todos os outros contos”, ele afirma, “dependem de onde, quando e como são estudados. Assim, a maioria das pessoas encontrará neles somente o que espera encontrar: entretenimento, perplexidade, alegoria.”

Yunus, filho de Adam, era sírio e faleceu em 1670. Possuía poderes de cura extraordinários e foi um inventor.

## QUANDO AS ÁGUAS FORAM MUDADAS

Um dia, Khidr, o Mestre de Moisés, dirigiu uma advertência à humanidade: numa determinada data, toda água do mundo que não fosse especialmente guardada desapareceria. As águas seriam então renovadas com uma água diferente, que levaria os homens à loucura.

Somente um homem prestou atenção à advertência. Recolheu água e se dirigiu a um lugar seguro, onde a armazenou e esperou que as águas mudassem suas características.

Na data indicada, os cursos d'água deixaram de correr, os poços secaram, e o homem que dera ouvidos à advertência, vendo isso acontecer, foi até seu refúgio e bebeu da sua água preservada.

Quando viu, do seu abrigo, que as cachoeiras fluíam novamente, o homem desceu e se juntou aos outros filhos dos homens. Observou que pensavam e falavam de uma forma totalmente diferente da anterior, e que não tinham lembrança alguma do que havia acontecido, nem de terem sido avisados. Quando tentou conversar com eles, percebeu que pensavam que ele estava louco, e demonstraram hostilidade ou compaixão, mas não entendimento.

A princípio, ele não bebeu da nova água, retornando a seu esconderijo todos os dias para se servir do seu suprimento. No entanto, por fim, tomou a decisão de beber da nova água por não aguentar a solidão de viver, comportar-se e pensar de maneira diferente da dos demais. Ele bebeu da nova água e ficou como os outros. Então, esqueceu-se completamente do seu próprio reservatório de água especial, e seus companheiros passaram a vê-lo como um louco que, milagrosamente, recuperou sua sanidade.

.....

Lendas associam com frequência Dhun-Nun, o Egípcio (falecido em 860), tido como autor deste conto, com pelo menos uma forma de Maçonaria. De qualquer modo, ele é a personalidade mais antiga da história da Ordem Dervixe Malamati, que, segundo estudantes ocidentais, tem notáveis similaridades com a confraria dos Maçons. Diz-se que Dhun-Nun redescobriu o significado dos hieróglifos faraônicos.

Esta versão é atribuída ao Sayed Sabir Ali-Shah, um santo da Ordem Chishti, que morreu em 1818.



## O CONTO DAS AREIAS

Um riacho, vindo desde sua nascente nas montanhas distantes, e passando por todo tipo e variedade de paisagem rural, finalmente alcançou as areias do deserto. Da mesma forma que havia atravessado todas as outras barreiras, o riacho tentou cruzar essa, mas descobriu que, assim que se lançava nas areias, suas águas desapareciam.

No entanto, estava convencido de que era seu destino cruzar aquele deserto, mas mesmo assim não havia como. Então, uma voz oculta vinda do próprio deserto sussurrou: “O vento cruza o deserto e o mesmo pode fazer o riacho.”

O riacho objetou que estava se arremessando contra as areias e sendo, simplesmente, absorvido por elas, e que o vento podia voar, por isso conseguia atravessar o deserto.

“Atirando-se da maneira como está habituado, não conseguirá cruzá-lo. Ou vai desaparecer ou se tornar um charco. Você deve permitir que o vento o carregue sobre as areias até seu destino.”

“Mas como isso poderia acontecer?”

“Permitindo-se ser absorvido pelo vento.”

Essa ideia era inaceitável para o riacho. Afinal de contas, ele nunca fora absorvido antes. Não queria perder sua individualidade. E, uma vez que a tivesse perdido, como saber se ela poderia, um dia, ser recuperada?

“O vento”, disseram as areias, “desempenha esta função: eleva a água, carrega-a sobre o deserto e depois a deixa cair. Caindo como chuva, a água novamente se torna um rio.”

“Como posso saber que isso é verdade?”

“Assim é; se não acredita, não conseguirá se tornar mais que um charco, e mesmo isso levaria muitos e muitos anos; e, certamente, um charco não é o mesmo que um riacho.”

“Mas não posso permanecer o mesmo riacho que sou hoje?”

“Em nenhum dos casos você poderá permanecer assim”, respondeu a voz. “Sua parte essencial é transportada e forma um riacho novamente. Você é chamado assim, ainda hoje, porque não sabe qual parte de você é a essencial.”

Ao ouvir isso, certos ecos começaram a surgir nos pensamentos do riacho. Lembrou-se, vagamente, de um estado no qual ele – ou teria sido uma parte dele? – fora carregado nos braços de um vento. Também se lembrou – lembrou mesmo? – de que essa era a coisa verdadeira, não necessariamente a coisa mais óbvia, a se fazer.

E o riacho elevou seu vapor nos braços acolhedores do vento, que, gentil e facilmente, carregou-o para o alto e ao longo do deserto, deixando-o cair suavemente assim que alcançaram o topo de uma montanha, a muitos quilômetros dali. E, porque tivera suas dúvidas, o riacho foi capaz de recordar e gravar com mais intensidade na sua mente os detalhes daquela experiência. Refletiu: “Sim, agora descobri minha verdadeira identidade.”

O riacho estava aprendendo. Mas as areias sussurraram: “Nós sabemos, porque vemos isso acontecer dia após dia; e porque nós, as areias, estendemo-nos por todo o caminho desde a margem do rio até a montanha.”

E é por isso que se diz que o caminho no qual o Rio da Vida deve continuar sua jornada está escrito nas Areias.

---

Esta bela história é corrente na tradição oral em muitos idiomas, quase sempre circulando entre dervixes e seus discípulos.

Ela foi utilizada no livro de Sir Fairfax Cartwright, *Mystic Rose from the Garden of the King* [A Rosa Mística do Jardim do Rei], publicado na Inglaterra em 1899.

A presente versão é de Awad Afifi, o Tunisiano, que morreu em 1870.